

A Promessa da Economia Cristã

John W. Robbins

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Revisão: Lucas Grassi Freire

Esse é o texto de uma palestra proferida na Conferência sobre Cristianismo e Economia da *The Trinity Foundation*, em Outubro de 1999.

Antes de discutir a promessa da economia cristã, seria melhor definir os termos principais. Muitas pessoas pensam que sabem o que as palavras *Cristianismo* e *Economia* significam. Mas mediante análise, eles logo descobrem que não têm idéia clara do que uma ou outra seja. Obviamente, para discutir a relação entre Cristianismo e Economia, e ter algum resultado proveitoso, é essencial que definições claras sejam adotadas. Sem essas definições, a discussão seria mera confusão. Ambos os termos têm sido usados de muitas maneiras confusas, por aqueles que professam ser cristãos e por aqueles que professam ser economistas.

Definições

Pelo termo *Cristianismo*, quero dizer todas as proposições da Bíblia e suas implicações lógicas. O melhor sumário escrito até hoje desse sistema lógico da verdade é a *Confissão de Fé de Westminster*. Eu não quero dizer pelo termo *Cristianismo* o que as igrejas contemporâneas ensinam, nem o que os pregadores contemporâneos pregam, nem quero dizer um estilo de vida, nem um código de moralidade ou maneiras. Nem quero dizer o que tem sido chamado de Crisandade. Quero denotar pelo termo *Cristianismo* o sistema de proposições verdadeiras encontradas nos 66 livros da Bíblia e suas implicações lógicas. Isso, espero, será suficiente para uma definição suficientemente clara da palavra *Cristianismo*.

Quanto ao termo *Economia*, o assunto não é tão facilmente resolvido. Como vimos nos dois dias anteriores, economistas profissionais não concordam sobre o que seja Economia. As piadas antigas sobre economistas não sendo capazes de chegar a uma conclusão se aplicam às suas definições de economia bem como às suas

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com.

recomendações de políticas públicas. Mas deixe-me dizer a vocês como eu defino o termo e o que *Economia* não significa.

Em primeiro lugar, *Economia* não significa “sistema econômico” em geral, ou qualquer sistema econômico específico, tal como capitalismo ou socialismo. Economia não deve ser confundida com tipos de economia. Em segundo lugar, *Economia* não significa alguma política pública particular. Em terceiro lugar, Economia não é “finanças”. Economia é teoria, doutrina; como o Cristianismo, Economia é um sistema lógico de proposições. Especificamente, Economia é um corpo de proposições concernente à lógica da escolha humana.

A questão diante de nós então é: como esses dois corpos de proposições, Cristianismo e Economia, se ajustam, se é que de alguma forma? Há duas possibilidades: o Cristianismo e a economia se relacionam, de alguma forma; ou o Cristianismo e a Economia não se relacionam. Se eles estão relacionados, de que forma isso acontece? Uma implica na outra? Um contradiz o outro? Um é verdadeiro e o outro falso? Uma é revelada e a outra inventada? Numa faculdade cristã, que lugar, se algum, a Economia deveria ocupar no currículo? Essas são questões fundamentalmente epistemológicas, e a epistemologia deve ser o primeiro obstáculo importante a atravessarmos.

Epistemologia

Muitos acadêmicos cristãos professos agem como se não houvesse uma epistemologia cristã exclusiva. Seja qual for a profissão religiosa deles, academicamente eles agem como naturalistas, deístas ou místicos. Eles agem como se houvesse somente sensação e razão, ou talvez alguma intuição ou introspecção mística, ou alguma combinação dessas maneiras naturais de aprendizagem. Mas se dizemos que cremos que Bíblia é a Palavra de Deus – e entendemos o que dizemos – então a Bíblia, e nada mais, deve ser nosso ponto de partida, nosso único critério epistemológico, em qualquer discussão. Por essa razão, a Bíblia é onde começaremos.

Se eu fosse simplificar a filosofia cristã, uma filosofia que chamo de Escrituralismo, a simplificação se pareceria com algo como isso:

1. Epistemologia: Somente a revelação proposicional.
2. Soteriologia: Somente a fé.
3. Metafísica: Somente o teísmo.
4. Ética: Somente a Lei divina.
5. Teoria política: Somente o Republicanismo Constitucional.

6. Teoria econômica: Somente a lógica da escolha humana.

Traduzindo essas idéias para uma linguagem mais familiar, poderíamos dizer:

1. Epistemologia: “A Bíblia me diz assim”.
2. Soteriologia: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo”.
3. Metafísica: “Nele vivemos, nos movemos e existimos”.
4. Ética: “Mais importa obedecer a Deus do que aos homens”.
5. Teoria política: “Não tenho o direito [imputado, dado por Deus] de fazer o que quiser com o que é meu?”.
6. Economia: “O homem é a imagem de Deus”.

O primeiro ramo dessa filosofia, epistemologia, a teoria do conhecimento, é também o mais importante. O Escrituralismo mantém que Deus revela conhecimento - verdade - somente na Bíblia. O Cristianismo é a verdade proposicional revelada por Deus, proposições que foram escritas nos 66 livros da Bíblia. A revelação proposicional é o ponto de partida do Cristianismo, seu único axioma, sua única fonte de verdade.

Algumas pessoas, das quais algumas são acadêmicos, insistem que elas não têm nenhum axioma. Isso é o mesmo que negar que alguém fale em prosa. As pessoas, como os sistemas de filosofia, devem começar seu pensamento em algum lugar. Qualquer sistema de pensamento - quer seja chamado de cristão, humanista ou budista - deve começar pensando com alguma proposição inicial. Esse princípio, por definição, é apenas isso: um princípio. Nada vem antes dele. Ele é o seu axioma, um primeiro princípio. Isso significa que aqueles que começam com sensação - experiência sensorial - ao invés da revelação, num esforço de evitar os axiomas, não têm evitado os axiomas de forma alguma: eles meramente substituíram o axioma cristão da revelação proposicional pelo axioma secular da experiência sensorial. Esse foi o pecado dos nossos primeiros pais no Jardim do Éden.

Tomás de Aquino, o filósofo católico romano do século XIII, tentou combinar dois axiomas em seu sistema: o axioma secular da experiência sensorial que ele obteve de Aristóteles e o axioma cristão da revelação proposicional que ele obteve da Bíblia. Sua síntese não teve sucesso. A carreira da filosofia ocidental desde seu tempo até o nosso pode ser entendida como a história do colapso da junção cristã-aristotélica de Tomás. Apesar da ruína, hoje a forma dominante de epistemologia nos círculos supostamente cristãos, tanto Católico Romano como Protestante, é o empirismo. Aparentemente, os teólogos

de hoje aprenderam pouco do fracasso de Tomás em combinar os axiomas seculares e os cristãos.

As lições do fracasso do Tomismo não foram desperdiçadas pelo falecido Gordon Clark. O Dr. Clark não aceitou a noção naturalista que a intuição, experiência sensorial ou razão, quer sozinhas ou juntas, nos forneçam conhecimento. Ele apontou os problemas, as falhas, os enganos e as falácias lógicas envolvidas em se crer em nossa própria capacidade para descobrir a verdade. Ele baseou sua filosofia no axioma cristão da revelação proposicional somente. Sua rejeição da impressão, da intuição, da experiência sensorial e da razão como meios de descobrir a verdade tem muitas conseqüências, uma das quais é que as provas para a existência de Deus são todas falácias lógicas, quer sejam afirmadas por um cristão ou por um não-cristão. David Hume e Immanuel Kant, ao rejeitarem tais provas, estavam corretos. A sensação e a razão não podem provar a Deus, não meramente porque Deus não pode ser sentido ou validamente inferido a partir da sensação, mas porque absolutamente nada pode ser validamente inferido a partir da sensação. Os argumentos para a existência de Deus falham porque o axioma e o método estão errados - o axioma da sensação e o método da indução - não porque Deus seja um conto de fadas. O axioma cristão, o fundamento sobre o qual tudo da doutrina cristã é construído, não é a impressão, sensação, intuição ou razão, mas somente a revelação proposicional. O método cristão, ou seja, o método bíblico de argumentação é a dedução, não a indução.

A visão naturalista - uma visão mantida também por muitos cristãos nominais, mesmo por alguns que alegam ser Reformados - é que o homem descobre a verdade à parte da Escritura. Ela tem sido a visão de praticamente todos os economistas - pelo menos todos daqueles que admitem que haja tal coisa como a verdade. A visão cristã é que a verdade é um dom de Deus, que graciosamente a revela aos homens. A teoria verdadeira (isto é, cristã) de conhecimento faz paralelo à doutrina verdadeira (isto é, cristã) de salvação: a soteriologia reflete a epistemologia. Assim como os homens não ganham salvação por si mesmos, por seu próprio poder, mas são salvos pela graça somente, através da fé somente, por Cristo somente; assim também os homens não descobrem o conhecimento por seu próprio poder, usando seus próprios recursos naturais, mas recebem conhecimento como um dom de Deus através da revelação proposicional somente. Os homens são iluminados e salvos por Deus. De fato, a Escritura refere-se à salvação como iluminação - como "chegar ao conhecimento da verdade". O homem não pode fazer nada à parte da vontade de Deus, e o homem não pode conhecer nada à parte da revelação de Deus. O homem é completamente dependente de Deus, tanto para o conhecimento como para a salvação.

Lógica

O Escrituralismo não significa que conhecemos somente as proposições da Bíblia, pois podemos conhecer suas implicações lógicas também. A *Confissão de Fé de Westminster* diz: “A autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (a própria verdade) que é o seu autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a palavra de Deus”. Com essas palavras, e pelo fato que a *Confissão* começa com a doutrina da Escritura, não com provas para a existência de Deus, a *Confissão* revela ser um documento Escrituralista.

Continuando com a idéia de dedução lógica, a *Confissão* diz: “Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser deduzido por conseqüência boa e necessária dela. À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens”.

Lógica - a disciplina de raciocinar por conseqüência boa e necessária - não é uma idéia grega encontrada na Escritura, como alguns cristãos professos afirmam. E quando esses cristãos nos acusam de adicionar ilicitamente a lógica à Escritura, eles demonstram sua ignorância da Escritura. O primeiro versículo do primeiro capítulo do *Evangelho* de João pode ser traduzido da seguinte forma: “No princípio era a Lógica, e a Lógica estava com Deus e a Lógica era Deus”. Mas *toda* palavra da Bíblia, desde *Bereshith* em *Gênesis* 1:1 a *Amém* em *Apocalipse* 22:21, exemplificam a lei fundamental da lógica: a lei da contradição. Somente a inferência dedutiva pode ser válida, e a inferência dedutiva é a principal ferramenta da exegese e da hermenêutica. A capacidade para extrair conseqüências boas e necessárias é uma parte essencial do entendimento da Escritura. A menos que um cristão entenda o papel central da lógica tanto no entendimento como no ensino do Cristianismo, a menos que ele entenda que Deus é racional, e que o homem, por ser imagem de Deus, também é racional, ele não verá a relação entre Cristianismo e Economia.

Filosofia Sistemática

Cada parte desse sistema filosófico - epistemologia, soteriologia, metafísica, ética, política e economia - é importante, e as idéias ganham força por estarem arranjadas num sistema lógico. Em tal sistema, no qual as proposições dependem ou implicam logicamente umas das outras, cada parte reforça mutuamente as demais. Historicamente - embora não neste século decadente - os cristãos sempre foram criticados por serem muito lógicos. Mas se haveremos de ser transformados pela renovação das nossas mentes, se traremos todos os

nossos pensamentos em conformidade com Cristo, devemos aprender a pensar como Cristo pensa: lógica e sistematicamente.

Um sistema filosófico cristão desenvolvido procede, mediante dedução rigorosa, de um axioma para milhares de teoremas. Cada um dos teoremas se ajusta ao sistema todo. Cada um dos teoremas, até os menores, é importante. A revelação de Deus é perfeita, e é totalmente proveitosa. Retire uma idéia e o restante será menos que perfeito, e sofreremos perda. Porque o Cristianismo é um sistema de verdade, uma pessoa que aceita um dos teoremas, deve, sob pena de contradição, aceitar o todo. Mas muitos professores nas igrejas professas não se importam, e alguns até mesmo se gloriam na contradição, ostentando a submissão piedosa deles a um Deus totalmente diferente. Eles são totalmente confusos e tentam frustrar o avanço do reino de Deus desencaminhando os cristãos.

O Cristianismo, como um dos seus raivosos oponentes do século XIX percebeu, é uma visão completa das coisas contempladas conjuntamente. Ele engaja as filosofias não-cristãs em cada área do esforço intelectual. Ele fornece uma teoria de conhecimento coerente e irrefragável, uma salvação infalível, uma refutação das alegações ridículas de alguns cientistas terem descoberto a verdade, uma teoria do mundo, um sistema de ética coerente e prático, e os princípios requeridos para a liberdade religiosa, política e econômica. O Cristianismo também oferece a única esperança de constituir a Economia como um ramo de conhecimento. Todas as partes desse sistema de filosofia cristã podem ser adicionalmente desenvolvidas; algumas partes sequer foram tocadas. A Economia é uma disciplina que raramente foi discutida por cristãos nos últimos duzentos anos. E quando cristãos têm discutido Economia, eles quase sempre a discutem como uma disciplina não-cristã, como uma disciplina que poderia ser e talvez devesse ser perseguida à parte do sistema cristão de verdade.

Verdade e Economia

Muitos economistas seculares têm sido muito confiantes que a economia não-cristã é verdadeira. O economista britânico coronel Robert Torrens² escreveu por volta de 1860:

No progresso da mente humana, um período de controvérsia entre os cultivadores de cada ramo da ciência deve necessariamente preceder o período de unanimidade. Com respeito à Economia Política, o período de controvérsia está passando, e esse de unanimidade se aproximando rapidamente. Daqui a vinte anos dificilmente haverá dúvida com respeito a quaisquer dos seus princípios fundamentais.

² Formulador, junto com D. Ricardo, do princípio da vantagem comparativa no comércio internacional. (Nota do revisor)

O otimismo de Torrens não tem fundamento. A disciplina de Economia está fragmentada em mais escolas de pensamento hoje do que em qualquer tempo durante o século XIX. Uma observadora contemporânea, Deborah Redman, aponta:

Em Economia não há um só paradigma ou programa... que seja inquestionável por todos os economistas. Nem mesmo o problema é definido unanimemente - a inflação sendo o maior problema para os monetaristas, o desemprego para os vários keynesianos, o distúrbio estocástico para os teóricos das Expectativas Racionais (e todos esses grupos pertencem à economia ortodoxa).

O otimismo de Torrens sobre a unanimidade em princípios fundamentais, como aquela famosa declaração de John Stuart Mill de que não resta nada a ser descoberto sobre a natureza do valor, nos impressiona por sua estupidez hoje.

Os economistas provavelmente não concordarão em seu assunto principal ou método em algum tempo no futuro previsível. Eles parecem concordar - ao menos negativamente - que o Cristianismo tem nada a ver com Economia. O método de revelação proposicional não é um método agradável à mente do economista, pois o economista, como outros homens naturais, tem uma mente natural, e a revelação é loucura para ele. Isso é indubitavelmente a razão para o caos na disciplina: aqueles que rejeitam a revelação transformam-se numa perfeita Babel de confusão.

Deixe-me repetir que *Economia* é teoria econômica. A menos que estabeleçamos primeiro a relação entre Cristianismo e Economia, ambas consideradas como corpos de proposições, qualquer tentativa de estabelecer questões secundárias, isto é, menos fundamentais - tal como se a Bíblia requer um tipo específico de sistema econômico, o papel atual da lei judicial do Antigo Testamento, e assim por diante - será na melhor das hipóteses temporária. Até agora, aqueles cristãos que têm escrito sobre Economia têm fracassado, não lançando o fundamento epistemológico e metodológico que deve ser lançado se uma Economia genuinamente cristã há de ser desenvolvida.

Porque ela é baseada na informação revelada por Deus, a teologia cristã é verdade. Ela fornece conhecimento aos homens. Ela resolve o problema epistemológico. Teologia não é somente a primeira das ciências, mas é a mais importante - ela é logicamente a mais fundamental. Teologia é a unificadora das ciências. Hoje, muitas pessoas desdenham abertamente do Cristianismo e de Teologia. Uma quantia ainda maior são simplesmente ignorantes. Muitos caem em ambos os campos, sendo tanto desdenhosos como ignorantes. Os economistas estão entre eles.

Economistas e Teólogos

No século XX, com o surgimento do positivismo, o acadêmico e histórico, se não filosófico, o elo que existia entre Economia e Teologia desapareceu. Hoje, poucos teólogos estudam Economia, e poucos economistas estudam Teologia. Mas nem sempre foi assim. Alguns dos famosos nomes na história da jovem disciplina foram teólogos: Thomas Robert Malthus e Richard Whately, para mencionar dois. Checkland observa que:

Foi esquecido que a economia na Inglaterra e nos Estados Unidos brotou da religião... Todos esses homens, entre os maiores nomes das Universidades de sua geração - Whately, Whewell, Sedgwick, Newman, Arnold - eram clérigos. Cada um deles cria que a verdade econômica era uma parte da ordem divina: cada um deles integrou sua atitude para com a Economia com a sua Teologia. E embora algumas vezes eles parecessem como homens com um método procurando problemas, ao invés de como especialistas - homens com problemas procurando um método - todavia, eles são dignos de lembrança, pois viram que o foco apropriado dos interesses das Universidades na nova disciplina deveria residir em seu órgão.

Dos primeiros 50 membros que se uniram à Associação Econômica Americana no final do século XIX, quase metade eram ou tinham sido ministros. (A maioria, infelizmente, era [composta por] liberais que já tinham rejeitado o Cristianismo Bíblico. Eles não estavam tentando construir uma economia cristã deduzindo uma teoria econômica a partir da Bíblia, mas tencionavam passar um verniz cristão em suas próprias idéias econômicas. Eles eram religiosos, mas não cristãos). Se você ler os economistas contemporâneos, verá claramente sua rejeição explícita do Cristianismo e da Teologia.

Alguns economistas contemporâneos, influenciados pelo positivismo lógico, caracterizam uma idéia como “teologia” quando desejam rejeitá-la sem discussão ou debate. Parte disso é preguiça intelectual. Rejeitar idéias dessa forma certamente destrói a obra que um economista deve fazer. Mas um erudito cristão não pode ser preguiçoso. Ele deve não somente estudar Teologia, mas Economia também. E um economista cristão deve aprender Teologia.

Um dos principais economistas austríacos³, o vencedor do Prêmio Nobel Friedrich Hayek, um ateu, menosprezou o provincialismo de economistas com uma linguagem forte em seu ensaio “O Dilema da Especialização”:

³ Wikipédia: A Escola Austríaca é uma escola de pensamento econômico que se distingue das restantes por rejeitar os métodos tradicionais das ciências naturais, que são aplicados à economia ensinada hoje em dia, e por confiar na análise lógica da ação humana. (Nota do tradutor)

No estudo da sociedade, uma concentração exclusiva sobre uma especialidade tem um efeito peculiarmente pernicioso: isso não meramente nos impedirá de sermos uma companhia atrativa ou bons cidadãos, mas pode prejudicar nossa competência em nosso próprio campo - ou pelo menos em algumas das tarefas mais importantes que realizamos. O físico que é apenas um físico ainda pode ser um físico de primeira classe e um membro de alto valor na sociedade. Mas ninguém que seja apenas um economista pode ser um grande economista - e sou tentado a adicionar que o economista que é somente um economista se torna um aborrecimento, se não um perigo positivo.

Hoje, estamos inundados com economistas perigosos.

A Economia é Verdadeira?

Alguns economistas parecem considerar a Física como a rainha das ciências; e a Economia, imitando a Física, é considerada como a rainha das ciências sociais, pois somente a Economia pode (1) realmente prever o comportamento humano, e as predições podem ser testadas empiricamente; e (2) usar cálculos e fórmulas matemáticas, assim como os físicos fazem. De acordo com esses economistas, a Economia é preditiva, testável e precisa - satisfazendo assim o critério aceito de ciência legítima.

Agora, não desejo discutir se Economia é uma ciência ou não. Isso me parece ser meramente uma questão de como uma pessoa define *ciência*, e isso tem poucas, se alguma, implicações importantes. É difícil evitar a impressão que muita da discussão acadêmica de Economia e de ciência no século vinte é apenas uma briga sobre palavras. A questão muito mais importante, a questão fundamental, é se a Economia é verdade. Essa questão é virtualmente ignorada nas discussões acadêmicas. Todavia, ela é muito mais significante do que a questão se Economia é uma ciência.

Na conclusão da minha palestra desta manhã, sugeri que são os racionalistas na economia - os economistas da Escola Austríaca, especialmente Ludwig von Mises - que, a despeito do fracasso deles em nos fornecer um conhecimento econômico, têm o maior potencial para fazer uma contribuição para o nosso entendimento da economia cristã, pois ao menos o método deles é parcialmente válido, embora eles mesmos, sobre os seus próprios princípios, não possam justificar o método ou o conteúdo da disciplina.

Quando diz respeito às questões de verdade, um dos economistas austríacos discutiu realmente a questão e de certa forma mais humildemente que os outros economistas. Mises escreveu em um dos seus últimos livros, *Theory and History* [Teoria e História]:

Aqueles teólogos que viram que nada senão a revelação poderia fornecer ao homem uma certeza perfeita estavam certos. A investigação científica humana não pode ir além dos limites delineados pela insuficiência dos sentidos do homem e a estreiteza de sua mente. Não há uma demonstração dedutiva possível sequer do princípio de causalidade e da inferência ampliada de indução imperfeita; há recurso somente para a não menos indemonstrável declaração de que há uma regularidade estrita na conjunção de todo o fenômeno natural. Se não devemos nos referir a essa uniformidade, todas as declarações das ciências naturais parecem ser generalizações apressadas. (9)

Alguns acadêmicos cristãos poderiam aprender muita coisa desse professor ateuista, mas temo que eles não estejam prestando atenção.

Filosofia e Economia

Como todos vocês percebem, filosofia é muito mais ampla em escopo do que Economia. Ela cobre tópicos como Deus, criação, homem, história, ética, salvação, governo e o mundo porvir. Creio que ela cubra também Economia, se entendermos Economia como sendo o que Mises sugere: o estudo da lógica da escolha e da ação humana. Economia não é História, mas pode nos ajudar a entender a história. Economia não é Ética, mas pode tornar as conseqüências das nossas escolhas mais claras para nós. Economia não é Estatística, mas pode nos fornecer conhecimento que torne a estatística (algumas vezes) significativa. Economia é uma disciplina lógica, uma disciplina *a priori*, parecida com a aritmética ou a lógica. Essas disciplinas, como a Economia, são incluídas na filosofia cristã e podem ser derivadas da Bíblia.

Tanto a teologia como a economia cristã dependem exclusivamente do raciocínio dedutivo. Ambas usam a lógica. Teologia e filosofia começam com o axioma da revelação – Somente a Bíblia é a Palavra de Deus – e a Economia, como formulada por Mises, começa com os axiomas da ação humana: os homens agem com propósito; somente indivíduos agem; e cada homem age por seu próprio interesse (percebido).

Sobre esses postulados direi mais algumas coisas brevemente. Neste momento dirigiria a atenção de vocês à lógica e ao raciocínio dedutivo. Eu citei Mises há pouco sobre a falácia do raciocínio indutivo. Por todos os seus livros encontramos referências à falibilidade dos sentidos e a falácia da indução. Se a economia há de subir ao nível de conhecimento, ela deve rejeitar o empirismo *in toto*. Ela deve começar com axiomas verdadeiros e continuar por dedução rigorosa.

A insistência sobre o uso somente do raciocínio dedutivo é o que separa a economia misesiana da [Escola] de Chicago⁴, da keynesiana, da histórica ou da marxista, para mencionar algumas das escolas mais influentes do pensamento econômico no século XX. Toda escola principal de economia, exceto a misesiana, parece incorporar uma confiança no empirismo ou um estudo da história em sua metodologia. (O economista austríaco Murray Rothbard rompeu com Mises e tentou inventar um fundamento aristotélico para sua versão de economia austríaca). Isso faz da economia misesiana o melhor rival da economia cristã.

Porque a economia misesiana começa com axiomas e procede por dedução, ela carrega uma similaridade à teologia cristã, pelo menos na forma e no método. Desafortunadamente, a economia misesiana não deriva seus postulados econômicos da Bíblia; de fato, Mises não poderia dar nenhuma boa justificativa do porquê alguém deveria aceitar seus axiomas e não aqueles de outro sistema de economia. A economia misesiana não tem um “Assim diz o Senhor” como seu fundamento; de fato, seus axiomas nem mesmo incluem uma reivindicação à verdade. Mas se os postulados da economia misesiana são realmente encontrados na Escritura, ou, para colocar de outra forma, se Mises roubou seus postulados do Cristianismo, talvez inconscientemente, então a base epistemológica para uma economia dedutiva está presente.

Outra similaridade entre a teologia cristã e a economia misesiana, procedendo dessa similaridade em método - é a rejeição do polilogismo. Polilogismo - muitas lógicas - é uma doutrina naturalista. Ela toma muitas formas. No Marxismo, os homens não somente têm diferentes idéias por causa da sua posição na estrutura econômica de produtiva, mas eles de fato pensam diferentemente. O multi-culturalismo é outra variedade do polilogismo, no qual os homens pensam diferentemente, não por causa de sua classe, mas por causa de sua cultura. O racismo também é outra variedade de polilogismo, que afirma que os homens de diferentes raças pensam diferentemente. O Cristianismo rejeita o polilogismo sobre a base da doutrina da criação do homem à imagem de Deus. Todos os homens são descendentes de Adão; todos procedem de um sangue; e as mentes de todos os homens são iluminadas pela mesma lógica, o *Logos* de Deus. Mises admitiu, em uma das declarações que citei esta manhã, que ele não podia provar que todos os homens têm a mesma lógica. Mas os cristãos podem provar, e a prova é encontrada no primeiro capítulo do *Evangelho de João*.

Uma terceira similaridade entre o Cristianismo e a economia misesiana é uma que já mencionei: tanto o Cristianismo como a economia misesiana começa com axiomas. Certamente, todos os sistemas de pensamento e todas as pessoas - incluindo os sistemas de

⁴ Escola de Economia de Chicago. Exponentes: prêmios Nobel como Milton Friedman, Gary Becker, Ronald Coase, George Stigler. (Nota do revisor)

pensamento econômico e os economistas – começam com axiomas. Mas alguns teólogos e economistas tentam negar ou disfarçar esse fato. A teologia cristã e a economia misesiana não. Ambas percebem que se o pensamento há de começar, ele deve começar em algum lugar, e esses primeiros princípios são chamados axiomas. O Cristianismo e a economia misesiana tentam tornar seus axiomas explícitos, ao invés de fingir que possuem nenhum.

Mises afirma que o axioma da ação é uma categoria *a priori* da mente humana. Murray Rothbard, um de seus estudantes, insistiu que para Mises “somente o axioma fundamental da ação que é *a priori*; ele admitiu que os axiomas subsidiários da diversidade da humanidade e natureza, e do prazer como um produto de consumo, são amplamente empíricos” (Dolan, *Foundations of Austrian Economics*, 27). Agora, se esse é o caso, há incoerência no ponto de partida da economia misesiana. Se Rothbard estava correto, a economia misesiana é fatalmente defeituosa. Mas essa falha não afeta a economia cristã, que não depende de dado empírico para desenvolver seus princípios e discernimentos.

Contudo, há outra falha na economia misesiana, em adição às falhas que discutimos esta manhã: seus axiomas não reivindicam uma verdade. Suponhamos que todo o sistema da economia misesiana fosse deduzido rigorosamente dos seus axiomas, que não há nenhum erro lógico em todo o sistema. A pergunta que então se levanta é: Por que alguém deveria aceitar esses axiomas – e seus teoremas – como verdadeiros? Eles não reivindicam ser verdadeiros. Nesse sentido, embora a economia misesiana possa ser tão impressionante como a geometria euclidiana, não há nenhuma razão para pensar que ela seja verdadeira. Talvez daqui a dois mil anos, ou duzentos, ou dois anos um gênio deduzirá um sistema diferente de teoria econômica a partir de uma série diferente de axiomas econômicos. Talvez Mises tenha seu Lobachevsky ou seu Riemann esperando nos bastidores. A dedução por si só, não importa quão coerente, não pode fornecer verdade. Os axiomas da Economia devem ser encontrados em outro lugar que não numa alegada intuição *a priori* da mente, e a experiência, como vimos, não pode ser essa origem. Nem mesmo Aristóteles pôde dar uma justificação coerente da origem das leis da lógica e da percepção.

Economia Cristã

Esses problemas, contudo, são resolvidos pela economia cristã: os postulados da Economia, se a Economia há de chegar ao nível de conhecimento ao invés de permanecer no nível de mera opinião, devem ser encontrados na Bíblia. Se sim, então embora possam funcionar como axiomas para a disciplina de Economia, eles não funcionam como axiomas para a filosofia inteira. Localizar os postulados da Economia na Bíblia transforma-os em teoremas deduzidos por conseqüência boa e necessária a partir do axioma da revelação. Os axiomas da Economia

então se tornam teoremas da filosofia cristã, e a Economia como um corpo de conhecimento pode proceder sobre a base das proposições divinamente reveladas que reivindicam de fato ser a verdade.

O que estou propondo aqui é isso: os postulados da economia misesiana – não da epistemologia misesiana, que já vimos ser inadequada para a tarefa – devem ser testados pela Escritura. Se os axiomas são encontrados na Bíblia, e se os teoremas econômicos deduzidos a partir deles são de fato deduzidos por consequência boa e necessária, então esses axiomas e teoremas são parte de um sistema completo de verdade baseado na revelação proposicional, e não na experiência ou em intuições *a priori*. Afinal, o próprio Mises admitiu: “aqueles teólogos que viram que nada senão a revelação poderia fornecer ao homem uma certeza perfeita estavam certos”.

Se a economia pode ser deduzida dessa forma da Bíblia, uma nova disciplina completa dentro da filosofia cristã pode ser desenvolvida. Essa filosofia cobre todo o campo do conhecimento – teologia própria, ética, política, epistemologia e metafísica. A economia se torna parte de um sistema completo de pensamento, cada parte do qual afeta a outra, cada parte do qual é suportada e suporta as outras partes. Ao desenvolver a economia cristã como parte de uma filosofia ampla, não somente surge o status epistêmico da economia, mas ela também se torna parte do arsenal de argumentos que podem ser usados para apoiar a liberdade e a sociedade livre, algo que a economia misesiana não pode fazer.

Esse é um ponto prático muito importante, pois a economia misesiana por si só não pode defender a liberdade e uma sociedade livre. Há várias razões para isso: primeiro, Economia é uma disciplina descritiva, não normativa. Ela trata com o que *é*, e não com o que *deveria ser*. Para usar o termo dos economistas, ele é *wertfrei* — livre de valores. Como uma disciplina de valor livre como aritmética ou química, a teoria econômica pode, na melhor das hipóteses, mostrar com o que é semelhante o resultado de um curso de ação ou uma política. Ela não pode mostrar que o resultado é bom ou ruim, apenas como produzir esse resultado. Como a Química, a Economia pode nos instruir como obter um resultado desejado, mas não pode nos dizer se deveríamos desejar esse resultado ou não. A teoria econômica pode investigar se uma medida legislativa pode produzir os resultados que os legisladores desejam ou não. Se o economista acha que a medida proposta não terá o resultado desejado, mas um resultado que até mesmo os defensores da medida considerariam indesejável, então ele pode avisar contra a medida ou política sobre fundamentos puramente econômicos e *ad hominem*.

Tome um exemplo atual: se o aumento do salário mínimo – uma medida que é designada ou pretende ajudar aqueles que são pelos menos produtivos em nossa sociedade – prejudicar as pessoas causando

desemprego ou subemprego, é o trabalho do economista informar isso aos legisladores. Mas se os governantes não têm boas intenções - e a história parece sugerir que poucos foram “anjos” - então um maior desemprego pode ser o resultado desejado, e o economista, dependendo somente da teoria econômica, não pode avisar contra tal política. Ele chegou ao limite da teoria econômica. Quisesse ele argumentar contra tal política - e se ele for um economista cristão fará isso - ele deve depender de argumentos da ética e da teoria política. Não há nenhum *deve* na economia, mas na ética. Se economia, ética e política são partes de um sistema filosófico, como eles são na filosofia cristã, então todos eles falarão uma só voz, e onde a Economia deve permanecer silenciosa, a ética e a teoria política serão ouvidas.

Contudo, deixem-me continuar com as afinidades entre a teologia cristã e a economia misesiana. Quando ensino sobre os princípios de Economia, gosto de apontar a dívida que a Economia tem para com a Teologia. Economia, por exemplo, deve sua teoria de valor à teologia cristã. Não foi até os anos de 1870 que uns poucos economistas se deram conta que o valor não era objetivo, como Aristóteles tinha ensinado, mas subjetivo; e que a permuta ocorre somente porque o valor é subjetivo; e que a razão da água - para usar um famoso paradoxo dos séculos XVIII e XIX - ser tão barata e os diamantes tão caros é que o valor é imputado, não intrínseco.

Como mencionei nesta manhã, por mais de duzentos anos a autoridade de Aristóteles dominou todo o pensamento econômico, mas é na Escritura, e não no *Política*,⁵ que as idéias econômicas modernas de imputação e valor subjetivo são encontradas. A grande doutrina da justificação pela fé somente centra-se na imputação por Deus da justiça de Cristo em seu povo e a imputação dos pecados deles em Cristo. Os pecadores não se tornam realmente justos na justificação, e Cristo não se torna realmente pecador; a justiça e o pecado são imputados, atribuídos, contados. Ela não é inerente ou inata. A justiça, o pecado e o valor são imputados. Se alguém perdesse isso no Novo Testamento, ele certamente teria encontrado a idéia no Antigo, pois Deus repetidamente disse aos israelitas que ele não os tinha escolhido porque eram numerosos, poderosos, espertos ou bons. O valor que eles tinham era somente porque Deus tinha imputado a eles, não porque fossem inerentemente valiosos. Tivesse os economistas prestado mais atenção à Bíblia e menos a Aristóteles, ou caso eles não tivessem lido a Bíblia através dos óculos distorcidos de Aristóteles, a disciplina da economia cristã poderia ter se desenvolvido há muito tempo atrás.

⁵ Livro de Aristóteles. A obra discute temas como a sociedade, o homem e seus bens, a arte de conquistar riquezas, a educação dos jovens de uma sociedade, os tipos de governos, o bem público, o interesse do coletivo, a mulher na sociedade, o escravo, etc. (Nota do tradutor)